

O segundo maior credor confia no futuro do País

Da sucursal de
BRASÍLIA

O vice-chairman do Bank of America — segundo maior credor do País — William Bolin, disse, ontem, em Brasília, que a posição de seu banco é de “grande confiança no potencial e no futuro do Brasil”, e que não há nenhum receio a respeito da situação da dívida brasileira. Ele descartou a possibilidade de vir a ser decretada a moratória, que considerou, “palavra mal colocada”, esclarecendo que “o que existe é uma renegociação dessa dívida, que vem sendo conduzida junto aos bancos privados e organismos oficiais”.

William Bolin almoçou com o ministro da Fazenda, Ernane Galvêas e, à saída do encontro, disse que sua visita ao País é rotineira e objetiva a troca de idéias e estratégias a respeito do setor externo brasileiro. Informou que na atual viagem que está fazendo pela América Latina já passou pelo México, Argentina e Venezuela, colhendo opiniões nas áreas privada e pública.

O dirigente do Bank of America observou que a demora na negociação da dívida brasileira ocorre em razão de haver muitas partes envolvidas nas conversações. Assegurou, também, que o seu banco não aceitará renegociar novos prazos de pagamento de compromissos do Brasil relativos a juros atrasados, e que os credores atualmente estão analisando o fluxo de caixa do País — com o objetivo de estabelecer os critérios para a amortização da dívida, mas apenas em relação ao principal. Resaltou que os prazos ainda estão sendo discutidos pelos bancos internacionais.

AValiação

Os economistas do subcomitê de

economia do comitê de assessoramento da fase 2 da dívida externa brasileira, Douglas Smee, do Banco de Montreal; Bryce Ferguson, do Citibank, e Robin Chapman, do Lloyds Bank, encerrarão amanhã a nova rodada de avaliação da economia do País, iniciada na última segunda-feira, sem manter qualquer encontro com os ministros do Planejamento, Delfim Netto, e da Fazenda, Ernane Galvêas, e com o presidente do Banco Central, Carlos Langoni.

O Banco Central explicou que a vinda do subcomitê tem caráter “estritamente técnico”, mas a falta de contatos com os ministros, ao contrário das visitas anteriores, estimulou as especulações de que a renegociação da dívida assume crescente conotação política em vez de simples acertos com banqueiros.

Langoni faltou ontem ao almoço com os economistas dos bancos e também não participou do almoço de Galvêas com o dirigente do Bank of America, William Bolin. Quem almoçou com os membros do subcomitê de economia foi o chefe do Departamento Econômico do Banco Central, Alberto Furuguém. Antes do retorno dos economistas dos bancos, amanhã, não há qualquer previsão de contato formal deles com as principais autoridades econômicas. — Langoni viajou para o Rio e Delfim para a Europa.

Nos contatos com os técnicos do Departamento Econômico do Banco Central, o subcomitê dos bancos procurou avaliar os termos do acordo técnico do Brasil com o FMI e apurar a nova projeção de recursos adicionais de que o País precisará para fechar o balanço de pagamento deste ano e do próximo.